

# Pentecostalismo, representação e imaginário acerca das figuras do mestre e do profeta

*Pentecostalism, representation and imaginary about the figures of the master and the prophet*

*Adonai de Moura Mendes <sup>1</sup>*

**Resumo:** O pentecostalismo enquanto fenômeno religioso relativamente recente tem ganhado a atenção dos pesquisadores das mais variadas áreas das ciências sociais, mormente por se tratar de um fenômeno que para além de ser característico de determinado segmento protestante com suas especificidades, tem ocorrido no escopo do campo religioso brasileiro uma pentecostalização de outros segmentos cristãos. Nossa abordagem se dá no sentido de procurar compreender como são percebidas pelos pentecostais as figuras do *mestre* e do *profeta*. Portanto a análise limita-se a evidenciar a representação social que os pentecostais têm dos ministérios de mestre e de profeta a partir de uma hermenêutica condicionada à experiência.

**Palavras-chave:** Pentecostalismo. Representação social. Bíblia.

**Abstract:** Pentecostalism as a relatively recent religious phenomenon has gained the attention of researchers from the most varied areas of the social sciences, mainly because it is a phenomenon that in addition to being characteristic of a certain Protestant segment with its specificities, has occurred within the scope of the Brazilian religious field a Pentecostalization of other Christian segments. Our approach is to try to understand how the figures of the master and the prophet are perceived by the Pentecostals. Therefore the analysis is limited to evidence the social representation that the Pentecostals have of the ministries of master and prophet from a hermeneutic conditioned to the experience.

**Key-words:** Pentecostalism. Social representation. Bible.

---

Artigo recebido em: 04 out. 2017

Aprovado em: 16 out. 2017

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. E-mail: adonaiyeshuah@gmail.com

## Introdução

O pentecostalismo é um fenômeno religioso derivado do protestantismo. Trata-se da vertente evangélica que mais tem crescido no Brasil. Muitas denominações evangélicas têm sido influenciadas pelo pentecostalismo, seja em suas formas de culto ou doutrina, gerando um processo de pentecostalização do campo religioso brasileiro.

O pentecostalismo chega ao Brasil a partir de 1910 e vai ganhando desde então uma configuração peculiar. No presente artigo procuramos, em um primeiro momento evidenciar as raízes históricas do pentecostalismo, como movimento com ênfase na *glossolia* como evidencia tangível do batismo com o Espírito Santo, sua ênfase na cura, etc.

Procuramos ainda traçar sua chegada e inserção no contexto brasileiro a partir de suas vertentes americana e sueca e seus posteriores desdobramentos. Trabalhou-se com a classificação em três ondas propostas por Freston, como modelo explicativo do desenvolvimento do pentecostalismo brasileiro.

Na terceira seção do presente trabalho buscou-se compreender o conceito de representação social que os pentecostais têm acerca dos ministérios de mestre e de profeta, a ênfase dada por eles à figura do profeta em detrimento do mestre, sendo que essa representação que perpassa o imaginário dos pentecostais acerca do profeta e do mestre foi colocada em confrontação com aquilo que é esboçado no Novo Testamento.

### 1. Raízes históricas do pentecostalismo

O pentecostalismo figura como fenômeno religioso relativamente recente, apontado por Leonildo Campos como o movimento religioso mais importante do século XX<sup>2</sup>. Suas raízes históricas remontam ao início do século XX com destaque para as figuras de dois pregadores: Charles Fox Parham de Topeka (1901) e William Joseph Seymour (1906) de Los Angeles<sup>3</sup>.

Portanto, o movimento pentecostal tem dois fundadores: Charles Parham e William Seymour. Parham foi o primeiro a fazer a afirmação fundamental de que o falar

---

<sup>2</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. *As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada*. REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 100-115, setembro/novembro 2005. p. 102

<sup>3</sup> CAMPOS, 2005, p. 104.

em línguas era a evidência visível e bíblica do batismo com o Espírito Santo. A importância de Seymour, o discípulo de Parham, reside no fato de que sob sua liderança, através do Avivamento da Rua Azusa, o pentecostalismo se tornou um fenômeno internacional e mundial a partir de 1906<sup>4</sup>.

O pentecostalismo moderno eclode como movimento de renovação espiritual no escopo do cristianismo, sendo considerado um desdobramento da Reforma Protestante<sup>5</sup>. O termo vem de *pentecostes*, trata-se de um termo grego que corresponde a uma festa hebraica chamada festa das semanas, festa essa comemorada pelos judeus cinquenta dias após a festa da páscoa<sup>6</sup> e que corresponde à colheita dos primeiros frutos da terra.

No Novo Testamento corresponde à descida do Espírito Santo que fora prometido pelo próprio Cristo<sup>7</sup> sobre os discípulos, em cumprimento profético de Joel 2: 28. Nesse sentido os pentecostais entendem que o pentecostes como descrito em Atos 2, corresponde aos primeiros frutos de uma grande colheita de almas.

Para eles há uma continuidade entre o episódio da descida do Espírito Santo em Pentecostes e os dias hodiernos, sendo que as manifestações sobrenaturais descritas na narrativa de Atos 2 não ficaram restritas aos tempos dos apóstolos. Inclusive, na perspectiva pentecostal as narrativas no livro de Atos que descrevem a atuação do Espírito Santo na Igreja Primitiva são normativas, Lucas ao registrá-las o fez propositalmente reforçando seu caráter permanente e normativo para a Igreja.

Na narrativa de Atos 2 encontra-se a questão da *glossolalia*, o falar em outras línguas, como operação direta do Espírito Santo<sup>8</sup>. No pentecostalismo clássico a questão da *glossolalia* foi recuperada e ao mesmo tempo ganhou status de evidência do chamado batismo com o Espírito Santo, ou seja, o falar em outras línguas passou a ser considerado como a evidência bíblica do batismo com o Espírito Santo. Isso se deu no escopo de uma reunião de oração que se

---

<sup>4</sup> MATOS, Alderi de Souza. *O Movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário*. Fides Reformata XI, N<sup>o</sup> 2, 2006, p. 33.

<sup>5</sup> SOUZA, Alexandre Carneiro. *Pentecostalismo: de onde vem ara onde vai*. Viçosa: Ultimato, 2004.

<sup>6</sup> CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento interpretado*. São Paulo: Editora Hagnos, 2002.

<sup>7</sup> ATOS 1: 8; 2: 1-4. Salvo indicação contrária, todas as referências são da Bíblia Sagrada, Versão Revista e Atualizada, 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

<sup>8</sup> “Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas segundo o Espírito concedia que falassem”. (Atos 2: 4)

realizava no *Bethel College Bible* fundada por Parham a qual funcionava em Topeka, Kansas, sendo que em 1º de janeiro de 1901 uma das alunas, Agnes Osman, falou em línguas<sup>9</sup>.

## 2. Pentecostalismo no contexto Brasileiro

O movimento pentecostal chegou ao Brasil em 1910 com o missionário italiano Louis Francescon o qual fundou no Paraná a Congregação Cristã no Brasil<sup>10</sup>. No ano seguinte chegariam ao Brasil os missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren os quais estabeleceram suas missões no Norte e no Nordeste do país, nascia assim a Igreja Assembleia de Deus.

Freston trabalha com uma classificação estratificada do pentecostalismo em três ondas: a primeira onda corresponde ao pentecostalismo clássico período de 1910 a 1950 tendo como principais representantes a Congregação Cristã no Brasil (1910) e a Igreja Assembleia de Deus (1911); pentecostalismo de segunda onda que compreende os períodos de 1950 a 1970 representadas pela Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo (1955) e a Igreja Deus é Amor (1962); e pentecostalismo de terceira onda ou Neopentecostalismo, a partir do início da década de 1970 tendo como principal representante a Igreja Universal do Reino de Deus (1977).

A classificação de Freston representa um esforço no sentido de entender o pentecostalismo em sua evolução histórica bem como em suas especificidades no contexto brasileiro. Segundo Freston:

As igrejas pentecostais enquanto instituições em evolução dinâmica (...) não são organizações estáticas que incham numericamente; estão em constante adaptação, e as mudanças são frequentemente objeto de lutas. Ademais, o pentecostalismo possui grande variedade de formas, e cada nova espécie vai enterrando mais alguns mitos a respeito de o 'pentecostalismo'<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. São Bernardo do Campo: UMESP, 1997.

<sup>10</sup> MENDONÇA, 1997.

<sup>11</sup> FRESTON, Paul C. *Evangélicos e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment*. Campinas. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, mimeo, 1993. p. 64.

O pentecostalismo, seja em sua vertente americana, seja em sua vertente sueca, contribuíram para a configuração do pentecostalismo brasileiro. O IBGE aponta que no período de 2000 a 2010 o pentecostalismo figura como a vertente evangélica que mais cresceu o que tem suscitado o interesse por parte dos pesquisadores em compreender e explicar o fenômeno.

No presente artigo optamos por fazer um recorte no sentido de procurar compreender a representação social que os pentecostais têm acerca das figuras do mestre e do profeta no escopo da igreja<sup>12</sup>.

### 3. Pentecostalismo e representação social

No pentecostalismo clássico há um destaque para a questão da *glossolalia*, na atualidade dos carismas, portanto ser pentecostal está relacionado à questão do:

[...] relacionamento místico com o Espírito Santo, aos benefícios que esta experiência com o Espírito traz para a vida diária: os dons miraculosos, as curas, a direção de Deus nas escolhas pessoais e profissionais, o estímulo ao melhor desempenho da sua vocação. Ser pentecostal equivale a ser um escolhido e a ser plenamente cristão, de forma semelhante aos apóstolos, visto que a experiência pentecostal teria a capacidade de construir uma ponte entre essas duas épocas. A busca pela legitimação da identidade pentecostal no passado aponta também para o presente, ao atualizar uma experiência considerada paradigmática.<sup>13</sup>

No que diz respeito aos ministérios de mestre e o de profeta, há uma representação entre os pentecostais em que o profeta ganha destaque e maior visibilidade, visto que essa figura está ligada a manifestações sobrenaturais. Não se nega que entre os pentecostais haja o ministério de mestre ou ensino, mas este é relegado a um segundo plano, visto que “a letra mata, mas o espírito vivifica.”<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> “Havia na igreja de Antioquia profetas e mestres: Barnabé, Simeão, por sobrenome Níger, Lúcio de Cirene, Manaém, colação de Herodes, o tetrarca, e Saulo.” (Atos 13: 1)

“E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres”. (Efésios 4: 11)

<sup>13</sup> GUIMARÃES, Robson Franco. *Os últimos dias: os pentecostais e o imaginário do fim dos tempos*. Revista de Estudos da Religião N° 1 / 2005, p. 46

<sup>14</sup> II Coríntios 3: 6.

“Nada mais curioso que o surgimento no pentecostalismo de líderes carismáticos que têm se destacado pela pouca ênfase no texto escrito, substituindo eles mesmos o próprio texto.”<sup>15</sup>

Essa é uma construção que perpassa o imaginário pentecostal em que se faz distinção entre o mestre (homem da letra) e o profeta (homem do espírito). “Trata-se aqui do deslocamento da autoridade do texto para o profeta.”<sup>16</sup> Na visão dos pentecostais os Protestantes seriam *os homens da letra* ao passo que eles seriam *os homens do Espírito*.

Se o protestante histórico possui o saber do culto, ele perdeu, no imaginário do pentecostal, o poder da fé. Praticante de uma confissão que contém a verdadeira religião o protestante não-pentecostal é definido como o crente sem o poder do Espírito Santo, elemento que caracteriza com exclusividade o pentecostalismo e é, para os seus adeptos, a evidência indiscutível da legitimidade de sua confissão.<sup>17</sup>

#### Segundo Durkheim:

[...] o que as representações coletivas traduzem é a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objetos que os afetam. [...] Para compreender a maneira como a sociedade se representa a si própria e ao mundo que a rodeia, é a natureza da sociedade, e não a dos particulares, que devemos considerar. Os símbolos com que ela se pensa mudam de acordo com o que ela é.<sup>18</sup>

Percebe-se que na abordagem durkheimiana há prevalência do coletivo em relação ao individual, ou seja, para se entender determinado fenômeno social deve-se partir da análise da sua configuração social. Ainda segundo Minayo as representações sociais

---

<sup>15</sup> CARNEIRO CAMPOS, Roberta Bivar. *O profeta, a palavra e a circulação do carisma pentecostal*. Revista de Antropologia. São Paulo: USP, 2011, V. 54 N<sup>o</sup> 2. p. 1014.

<sup>16</sup> CARNEIRO CAMPOS, 2011, p. 1014.

<sup>17</sup> FERNANDES, Rubem César; DA MATTA, Roberto et al. Brasil & EUA: *Religião e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 35-36.

<sup>18</sup> DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 21.

“são definidas como categorias de pensamento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a.”<sup>19</sup>

No caso dos pentecostais torna-se precípua compreender como se dá a construção da imagem do mestre e do profeta a partir de suas interpretações bíblicas perpassada pela experiência religiosa.

O movimento de Parham recebeu diferentes nomes – fé apostólica, movimento pentecostal ou chuva tardia – todos os quais apontavam para características marcantes da nova cosmovisão. Uma das ideias centrais era o que se denomina ‘repristinção’ ou restauracionismo, isto é, o desejo de voltar aos dias iniciais do cristianismo, aos primeiros tempos da igreja primitiva, idealizados como uma época de maior fervor e plenitude cristã. Associada a isso estava a nova linguagem que dava ênfase ao poder do Espírito, conforme manifesto entre os apóstolos através de sinais e maravilhas.[...] o movimento pentecostal passou a privilegiar o conceito de poder.<sup>20</sup>

No pentecostalismo valoriza-se mais a pregação acompanhada de manifestações sobrenaturais em detrimento do ensino bíblico. O mestre carrega o estereótipo de “sem unção”, frio, metódico. Muitos pentecostais ainda mantêm a visão de que a capacitação do Espírito Santo sem a necessidade de se buscar agregar alguma formação teológica seja suficiente.

No entanto, estou realmente querendo chamar a atenção para o fato de que o aparente desinteresse pela Bíblia tem como efeito a ênfase na figura do profeta, do líder carismático. A autoridade desloca-se da palavra escrita para o profeta. Aprender as múltiplas formas que a palavra sagrada assume dentro do pentecostalismo parece-me bom caminho para entender como se funda a autoridade do líder carismático.<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). *Textos em representações sociais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 89.

<sup>20</sup> MATOS, 2006, p. 30-31.

<sup>21</sup> CARNEIRO CAMPOS, 2011, p. 1028.

O perfil do pregador avivado, ungido, carismático, perpassa o imaginário dos fieis como uma espécie de modelo ideal. Alguns na sua tentativa de corroborar sua postura antiteologia apontam o fato de que, por exemplo, Pedro não possuía formação acadêmica, mas esquecem de que Paulo sim, inclusive de que o mesmo escreveu 13 cartas do Novo Testamento, figurando como o principal sistematizador da teologia cristã.

Alderi aponta ainda como elementos característicos do pentecostalismo a questão da:

[...] ênfase excessiva na experiência, profecias ou revelações, relativizando a importância da Bíblia; interpretação bíblica literalista ou alegórica, conforme a necessidade, sem atentar para as boas regras da hermenêutica; a Bíblia é considerada acima de tudo um livro de promessas de Deus para os crentes; [...] liturgia condicionada por interesses pragmáticos (atrair e empolgar os participantes) e preferências culturais, e não pelo ensino da Escritura.<sup>22</sup>

Inicialmente o pentecostalismo não teve grande preocupação com a questão da educação formal de seus líderes distinguindo-se assim do Protestantismo o qual investiu na criação de seminários e universidades. Havia mais uma preocupação proselitista de transmissão do Evangelho acompanhada de manifestações do Espírito Santo tendo em vista a contemporaneidade dos carismas.

Nas igrejas protestantes, a demora na formação pastoral e o rigor nas exigências feitas aos candidatos ao pastado tendem a desestimular as vocações sacerdotais, a reduzir o número de pastores formados nos seminários e faculdades teológicas e, com isso, a diminuir o contingente de pessoas empenhadas em abrir congregações e recrutar adeptos. Portanto, no que concerne aos efeitos dessa prolongada e elitizada formação teológica sobre a expansão denominacional, as igrejas pentecostais levam enorme vantagem sobre as protestantes.<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> MATOS, 2006, p. 48.

<sup>23</sup> MARIANO, Ricardo. *Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos*. Revista de Estudos da Religião dezembro/2008, p. 84.

Os pentecostais supostamente defendem um retorno aos princípios estabelecidos em Atos dos apóstolos, um retorno a um modelo de igreja evidenciado no tempo dos apóstolos, conceituada como Igreja Primitiva. Mas no que diz respeito especificamente à dinâmica de funcionamento da Igreja Primitiva os pentecostais desconsideram a ordem de prioridade ali estabelecida no que concerne aos ministérios de ensino e pregação. Os pentecostais priorizam em suas estruturas a pregação acompanhada de manifestações sobrenaturais e curas em detrimento do ensino bíblico.

No livro de Atos dos apóstolos fica evidenciado que os apóstolos seguiram um paradigma em relação à questão dos ministérios de ensino e pregação, modelo este estabelecido pelo próprio Cristo em seu ministério tríplice. No ministério de Jesus há uma ordem de prioridade: ensino, pregação e curas.<sup>24</sup>

O ensino era a principal faceta do ministério de Jesus e não a pregação e as curas<sup>25</sup>. Nos Evangelhos encontra-se a expressão de que Jesus “ensinava todos os dias”, mas em nenhuma parte encontra-se algo que diga que ele pregava todos os dias<sup>26</sup>. Os apóstolos seguiram o modelo estabelecido por Jesus, dando ao ensino a mesma prioridade e ordem de importância<sup>27</sup>. Portanto:

---

<sup>24</sup> “Percorria Jesus toda a Galiléia, *ensinado* nas sinagogas, *pregando* o evangelho do reino e *curando* toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo”. (Mateus 4: 23, grifo nosso).

“E, percorria Jesus todas as cidades e povoados, *ensinando* nas sinagogas, *pregando* o evangelho do reino e *curando* toda sorte de doenças e enfermidades”. (Mateus 9: 35, grifos nosso).

<sup>25</sup> “Ora tendo acabado Jesus de dar estas instruções a seus doze discípulos, partiu dali a *ensinar e a pregar* nas cidades deles”. (Mateus 11: 1, grifo nosso).

<sup>26</sup> “[...] todos os dias, no templo, eu me assentava convosco *ensinando*, e não me prendestes” (Mateus 26: 55b, grifo nosso).

“*Todos os dias* eu estava convosco no templo, *ensinando* [...]” (Marcos 14: 49, grifos nosso).

“*Diariamente*, Jesus *ensinava* no templo...” (Lucas 19: 47<sup>a</sup>, grifos nosso).

“Jesus *ensinava todos os dias* no templo, mas à noite, saindo, ia pousar no monte chamado das Oliveiras” (Lucas 21: 37, grifo nosso).

“Declarou-lhes Jesus: Eu tenho falado francamente ao mundo; *ensinei continuamente* tanto nas sinagogas como no templo, onde todos os judeus se reúnem, e nada disse em oculto” (João 18: 20, grifo nosso).

<sup>27</sup> “*E todos os dias*, no templo e de casa em casa, *não cessavam de ensinar e de pregar* Jesus, o Cristo” (Atos 5: 42, grifos nosso).

“Paulo e Barnabé demoraram-se em Antioquia, *ensinado e pregando*, com muitos outros, a palavra do Senhor” (Atos 15: 35, grifo nosso).

A igreja que rejeita, ou se descuida do ensino dos mestres e teólogos consagrados e fiéis à revelação bíblica, não se preocupará pela autenticidade e qualidade da mensagem bíblica nem pela interpretação correta dos ensinamentos bíblicos. A igreja onde mestres e teólogos estão calados não terá firmeza na verdade. Tal igreja aceitará inovações doutrinárias sem objeção<sup>28</sup>.

## Considerações finais

Os pentecostais não se dão conta de que ao inverter a ordem de prioridade colocando a pregação acompanhada de manifestações sobrenaturais e curas em detrimento do ensino bíblico distanciam-se daquilo que seria o modelo de igreja que tanto almejam. O profeta visto como um líder carismático, dotado de oratória (pregação), dons espirituais, tem ganhado grande destaque entre os pentecostais em detrimento da figura do mestre, com isso o ensino bíblico tem sido relegado a um segundo plano.

Apesar de os pentecostais defenderem um retorno à Igreja Primitiva, tendo a mesma não apenas como modelo, mas a própria ideia de que são continuidade da mesma, não se dão conta que se distanciam substancialmente do modelo e estrutura apresentados em Atos dos apóstolos no que concerne a questão da dinâmica e importância que o ensino bíblico deve ter na igreja.

Portanto, concluímos que “se a Escritura valoriza o ministério de ensino, a igreja deve valorizá-lo também. Se o ensino é importante numa perspectiva bíblica, deve ser também em nossa perspectiva para o século 21”<sup>29</sup>. Isso não significa de modo algum que o ministério de profeta deva ser suprimido do meio pentecostal, mas trata-se apenas de uma questão de buscar-se o equilíbrio necessário na igreja entre esses dois ministérios que são fundamentais para a igreja, na Igreja de Antioquia tanto o profeta quanto o mestre tinham voz e usa devida importância e reconhecimento.<sup>30</sup>

---

<sup>28</sup> *Bíblia de estudo pentecostal*. Tradução em português por Gordon Chown. Almeida Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 1816.

<sup>29</sup> Perry G. Downs, *Introdução à educação cristã: ensino e crescimento*. Traduzido por Marcelo Clifton Tolentino. São Paulo: Cultura Cristã: 2001, p. 25.

<sup>30</sup> “*Havia na igreja de Antioquia profetas e mestres: Barnabé, Simeão, por sobrenome Níger, Lúcio de Cirene, Manaém, colação de Herodes, o tetrarca, e Saulo*”. (Atos 13: 1, grifo nosso)

## Referências

*Bíblia de estudo pentecostal*. Almeida Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada*. REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 100-115, setembro/novembro 2005.

CARNEIRO CAMPOS, Roberta Bivar. *O profeta, a palavra e a circulação do carisma pentecostal*. Revista de Antropologia. São Paulo: USP, 2011, V. 54 N° 2.

DOWNS, Perry G. *Introdução à educação cristã: ensino e crescimento*. Traduzido por Marcelo Clifton Tolentino. Ed. Cultura Cristã, São Paulo, 2001.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERNANDES, Rubem César; DA MATTA, Roberto et al. *Brasil & EUA: Religião e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRESTON, Paul C. *Evangélicos e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment*. Campinas. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, mimeo, 1993.

GUIMARÃES, Robson Franco. *Os últimos dias: os pentecostais e o imaginário do fim dos tempos*. Revista de Estudos da Religião N° 1 / 2005 / pp. 31-53.

MARIANO, Ricardo. *Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos*. Revista de Estudos da Religião dezembro / 2008 / pp. 68-95.

MATOS, Alderi de Souza. *O Movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário*. FIDES REFORMATA XI, N° 2 (2006): 23-55.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. São Bernardo do Campo: UEMESP, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). *Textos em representações sociais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

SOUZA, Alexandre Carneiro. *Pentecostalismo: de onde vem ara onde vai*. Viçosa: Ultimato, 2004.